

Enunciação, intersubjetividade e gênero: análise dialógica de tiras de humor

Graziela Frainer Knoll*
Vera Lúcia Pires**

Resumo

A teoria dialógica da enunciação, ao enfocar as relações entre sujeito, linguagem, história e sociedade, institui um processo de intersubjetividade no qual o sujeito se constitui por meio do outro. Pensando nisso, o presente trabalho visa realizar uma análise dialógica de tiras de humor conectando os conceitos de enunciação, gênero social e intersubjetividade. A partir da análise de tiras de Radicci, verificamos a existência relacional do personagem título, que se constrói pela intersubjetividade, enquanto dialoga com outros personagens e discursos.

Palavras-chave: Enunciação. Intersubjetividade. Gênero social. Bakhtin.

Introdução

A interação social é a realidade fundamental da linguagem, realizando-se como uma troca de enunciados na dimensão de um diálogo e através da enunciação. A teoria dialógica da enunciação, ao enfocar a relação entre sujeito, linguagem, história e sociedade, institui um processo de intersubjetividade no qual o sujeito se constitui por meio da alteridade. Segundo Bakhtin (1997, p. 313), “a experiência verbal individual do homem toma forma e evolui sob o efeito da interação contínua e permanente com os enunciados individuais do outro”.

A experiência do cotidiano e a manifestação dialógica são pontos capitais

* Doutoranda em Letras, Estudos Linguísticos, no PPGL da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

** Professora Adjunta no Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter) e professora colaboradora voluntária no PPGL da UFSM.

Data de submissão: mar. 2012 – Data de aceite: maio 2012

para os estudos da linguagem ditos bakhtinianos. A importância do estudo dos gêneros discursivos cotidianos é enfatizada em toda a obra do autor, pois é nessa dimensão que a natureza social da linguagem é diretamente percebida por meio da relação entre o enunciado e o meio social circundante.

Tendo isso em vista, o objetivo deste artigo consiste em vincular os conceitos de enunciação, gênero social e intersubjetividade em uma análise dialógica de tiras de humor. A tira de humor, ou tira em quadrinhos, como um gênero discursivo pertencente aos discursos do cotidiano, visto que integra jornais de circulação diária, tenta estabelecer com seu público um contato próximo, utilizando-se de relações dialógicas condensadas nos textos verbo-visuais para suscitar a comunicação com o leitor e provocar o riso. Definido o objetivo, selecionamos tiras intituladas Radicci (Iotti), que, ao materializar personagens que formam um casal inusitado, Radicci e Genoveva propiciam reflexões com foco no gênero social¹.

Seguimos a tendência iniciada por Scott (1995), conforme a qual o gênero é compreendido como categoria relacional, ou seja, abrange as relações sociais entre (e intra) mulheres e homens, de forma que um gênero só adquire sentido em relação ao outro. Também Bourdieu (2005, p. 34) afirma que “tendo apenas uma existência relacional, cada um dos dois gêneros é produto do trabalho de construção diacrítica, ao mesmo tempo

teórica e prática que é necessário à sua produção como corpo socialmente diferenciado do gênero oposto”.

Enunciação e intersubjetividade

No século passado, no final dos anos vinte, Bakhtin defendia a necessidade de uma teoria linguística que destacasse a enunciação como único meio de dar conta da compreensão real das formas sintáticas. A partir de então, o filósofo linguista passou a estudar as formas sintáticas que representavam, no interior de um discurso, o discurso de outros via discurso relatado e suas variantes, discurso direto, discurso indireto, etc. (BAKHTIN, 1997, p. 139).

A linguagem é um processo em evolução permanente, determinado pela vida social. Os enunciados, que dela fazem parte são um *continuum* no fluxo incessante da interação verbal; e a enunciação, como uma experiência social, dialógica e interativa, passa a ser o centro da interlocução.

Para Bakhtin, a linguagem é uma prática social que envolve a relação entre sujeitos. A realidade material da linguagem é a língua, entendida não como um sistema psíquico de formas linguísticas, à parte da atividade do falante, mas como um “processo de evolução ininterrupto, constituído pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação” (1986, p. 127).

O verdadeiro interesse do autor, portanto, não é o sistema, mas a linguagem enquanto uso e em interação social. Nesse contexto, a enunciação pode ser entendida como o momento de uso da linguagem, processo que envolve não apenas a existência de participantes em uma situação comunicativa, como também o tempo histórico e o espaço social de interação, isto é, o contexto. Também podemos defini-la como o enunciado em uma situação concreta de uso, visto que o autor não faz uma distinção entre enunciado e enunciação em seus trabalhos.

O objeto de estudo de Bakhtin é a enunciação não apenas como realidade da linguagem, mas também como estrutura socioideológica. Bakhtin enfatiza precisamente a fala (*a parole*), a enunciação, e afirma sua natureza social, não individual: a fala está indissoluvelmente ligada às condições de comunicação, que estão sempre ligadas às estruturas sociais (WEEDWOOD, 2002, p. 152).

Nessa ótica, a enunciação não parte de um sujeito individual ou isolado; trata-se de um produto da interação de indivíduos socialmente organizados e do contexto da situação social em que aparece, em outras palavras, a enunciação é determinada pela situação social imediata e pelo meio social mais amplo (esfera sociocultural), sendo organizada, no que diz respeito ao seu conteúdo e significação, fora do indivíduo, ou seja, pelas condições extraverbais do meio social. Por essa razão, ela é um produto da interação social.

Como Bakhtin propõe, a interação social requer a seguinte tríade: o falante, o ouvinte e o tema do discurso, fatores que constituem o discurso. A palavra funciona como cenário para a relação entre locutor e ouvinte, ou, em se tratando de textos escritos, autor e leitor. A enunciação pode ser entendida, portanto, como a marca de um processo interacional entre sujeitos, já que a palavra tem duas faces, parte de alguém com destino a outro alguém, sendo esse o cerne do princípio dialógico.

O caráter dialógico é a essência da linguagem, o que significa que o ser humano está situado no mundo com os outros; “viver significa participar de um diálogo” (BAKHTIN, 1981a, p. 293). Todo enunciado constitui um elo de uma cadeia infinita de enunciados, um ponto de encontro de opiniões e visões de mundo. Tal processo de interação entre indivíduos baliza a enunciação e constitui o princípio dialógico como elemento essencial na teoria bakhtiniana.

O princípio dialógico edifica a alteridade como constituinte do ser humano e de seus discursos. Reconhecer a dialogia é encarar a diferença, uma vez que é a palavra do outro que nos traz o mundo exterior.

Nossa fala, isto é, nossos enunciados [...] estão repletos de palavras dos outros. (Elas) introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos [...]. Em todo o enunciado, contanto que o examinemos com apuro, [...] descobriremos as palavras do outro ocultas ou semi-ocultas, e com graus diferentes de alteridade (BAKHTIN, 1997, p. 314-318).

No discurso, o princípio dialógico se manifesta por meio das palavras empregadas, que são sempre habitadas por outros discursos. A percepção do dialogismo, pioneiramente, abala a concepção clássica do sujeito cartesiano uno, uma vez que o sujeito torna-se solidário às vozes, às alteridades de seu discurso (DAHLET, 1997, p. 82).

Nessa teoria da enunciação, a intersubjetividade é anterior à subjetividade, uma vez que “o pensamento, enquanto pensamento, nasce no pensamento do outro” (BAKHTIN, 1997, p. 329). O suporte do sujeito é um “nós”, pois ele não coincide jamais consigo mesmo, sendo inesgotável em sua significação: “Eu só pode se realizar no discurso, apoiando-se em nós” (BAKHTIN, 1981b, p. 192). Em outros termos, o ser humano não existe para si, senão na medida em que é para os outros.

A interação une os participantes que compartilham um contexto, tornando-os solidários e levando-os a apoiar a intersubjetividade verbal em um “nós” discursivo. O sujeito, atravessado por vozes de outros, elabora avaliações sociais, que ressoam à medida que os discursos circulam, auxiliando a organizar ações e condutas, integrando aos poucos a memória histórico-coletiva de uma sociedade.

Na produção de nossos discursos, somos intermediários que dialogam e polemizam com outros discursos existentes. A relação dialógica é sempre polêmica, não há passividade. Nela, o

discurso é um jogo, é movimento que faz evoluir o diálogo entre enunciados. Como afirma Bakhtin (1997, p. 345), “as relações dialógicas são relações semânticas entre todos os enunciados na comunicação verbal”. As condições reais da enunciação geram os sentidos dos enunciados que se distribuem entre as diversas vozes que habitam o tecido discursivo. Estabelece-se, assim, um relacionamento dialógico de sentidos entre enunciados confrontados.

Por isso, o autor considera que a língua é coabitada por diversos dizeres, o que faz da linguagem algo social e dinâmico. Esse movimento dinâmico de práticas linguageiras plurais da vida cotidiana rompe com o aprisionamento do sentido literal, conferindo ao signo a possibilidade de outras significações, ou seja, o signo torna-se plurivalente.

Ao propor o dialogismo como alicerce da linguagem, Bakhtin estabelece a importância da alteridade para a constituição discursiva do sujeito. A identidade é um movimento em direção ao outro, um reconhecimento de si pelo outro, que tanto pode ser a sociedade como a cultura. E o elo é a linguagem: “através da palavra, defino-me em relação ao outro, em última análise, em relação à coletividade. (...) A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (BAKHTIN, 1986, p. 113).

A linguagem é a ponte que estabelece a ligação entre o indivíduo e seu outro. Jovchelovitch (2000, p. 65) acrescenta que, por meio dela, os seres humanos

“lutam para dar sentido ao mundo, entendê-lo e nele encontrar o seu lugar, através de uma identidade social”. Tal identidade, no entanto, somente é construída socialmente por meio da vivência com experiências de pluralidades e diversidades, de encontros da vida pública, que tem “uma realidade plural e tem sua base no diálogo e na conversação” (JOVCHELOVITCH, 2000, p. 68).

Dessa maneira, o espaço da subjetividade na linguagem é um espaço de tensão permanente, uma vez que é intersubjetivo: “O homem não possui território interior soberano, ele está inteiramente e sempre sobre uma fronteira; olhando o interior de si, ele olha nos olhos do outro ou através deles. [...] Não posso dispensá-lo, não posso tornar-me eu mesmo sem ele; devo encontrar-me nele, encontrando-o em mim” (BAKHTIN, 1981a, p. 287).

O horizonte social e as entonações valorativas

A teoria do Círculo de Bakhtin necessita ser estudada por intermédio de um conjunto de noções, de temas ou, para usarmos uma expressão puramente bakhtiniana, de uma arquitetônica que se baseia no princípio dialógico.

A respeito do significado de diálogo, para Bakhtin, esse é um princípio geral da linguagem, de comunhão solidária e coletiva, porém sem passividade. Como Faraco (2009, p. 60-61) explica, o diálogo bakhtiniano designa um grande

simpósio universal que define o existir humano e que deve ser visto em termos de relações dialógicas, ou seja, relações semânticas tensionadas, envolvendo valores axiológicos entre sentidos diversos de enunciados em contato.

Ao fazer uso da linguagem, não o fazemos de modo transparente, pelo contrário, a linguagem reflete e refrata a realidade. Para Bakhtin (1986, p. 32-36), “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência”, e por tal questão avaliativa, “pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico”. Em outras palavras, o que temos nos textos e discursos são modos de interpretar o mundo.

Quando enunciadas em uma situação concreta, as palavras não só informam ou comunicam, mas também produzem valores ou avaliações que o enunciador faz a respeito do mundo e das outras pessoas. Citando Bakhtin (1986, p. 135), “quando um conteúdo objetivo é expresso (dito ou escrito) pela fala viva, ele é sempre acompanhado por um acento apreciativo determinado. Sem acento apreciativo, não há palavra”. Isso porque o sentido existe somente na relação da palavra com o seu contexto de uso. Extraída dessa relação, a palavra é abstrata, ou seja, deixa de ser um enunciado.

Se, ao longo da história dos estudos linguísticos, a palavra foi “tradicionalmente tratada de forma abstrata, desvinculada de sua realidade de circulação e posta como um centro imanente de significados captados pelo olhar/ouvido

fixo do observador” (STELLA, 2005, p. 177), os estudos bakhtinianos se situam em uma posição contrária: a enunciação está sempre acompanhada por uma avaliação. “Toda enunciação comprehende antes de mais nada uma orientação apreciativa. É por isso que, na enunciação viva, cada elemento contém ao mesmo tempo um sentido e uma apreciação” (BAKHTIN, 1986, p. 138).

A linguagem e a língua se transformam e evoluem nas relações dialógicas e sociais, à medida que os sujeitos se relacionam com as linguagens disponíveis. A palavra na língua não pertence a ninguém e possui todas as possibilidades de significação que pertencem ao código. Já a palavra na enunciação é carregada de expressividade. Para Bakhtin, viver é responder, e essa resposta é axiológica.

Na enunciação, a palavra expressa um conteúdo e, ao mesmo tempo, uma posição valorativa do seu enunciador. Podemos então dizer que se trata da subjetividade agindo sobre a palavra, modificando-a e tornando-a única e irrepetível nas dimensões de um enunciado.

Essas avaliações podem ser recuperadas ao olharmos para o contexto da enunciação, que é onde se localizam os construtos culturais e ideológicos, formados por discursos anteriores e que integram o horizonte social.

O horizonte social é a instância espaço-temporal que comprehende a enunciação e orienta os valores manifestados na interação. Liga-se, portanto, ao signo, de modo que cada organismo social, em

determinado tempo e lugar, possui um repertório de valores que orientam os discursos. Como explica Bakhtin (1986, p. 115), é esse horizonte que “determina a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos”.

Esses são fatores extraverbais que repercutem no enunciado. Na sequência, veremos como a teoria dialógica propõe um método de análise que englobe o todo da enunciação: contexto sociocultural, contexto mais imediato da enunciação e textos.

Considerações sobre o “método” em Bakhtin

Conforme visto anteriormente, para a teoria dialógica, a interação e a troca de enunciados são fundamentais quando se pensa em linguagem, o que assegura à enunciação um papel central na reflexão linguística.

A investigação das práticas discursivas e sociais tem sido uma opção de muitos pesquisadores da linguagem, tributários da filosofia bakhtiniana. Na linha do pensador, Sobral (2005, p. 118) esclarece:

O agir do sujeito é um conhecer em vários planos que une *processo* (o agir no mundo), *produto* (a teorização) e *valoração* (o estético) nos termos de sua responsabilidade inalienável de sujeito humano, de sua falta de escapatória, de sua inevitável condição de ser lançado no mundo e ter ainda assim de dar contas de como nele agiu.

Relacionando-se com os outros indivíduos, cada enunciador representa

discursivamente a realidade de acordo com uma determinada relação de valor estabelecida com essa realidade. Bakhtin (1981b) indagava sobre o teor desse processo de representação discursiva, ligada à situação extraverbal que a engendra.

Para responder à indagação, o autor concebeu um método de análise que comporta o contexto extraverbal, composto por três aspectos: o *horizonte espacial* – espaço e tempo – comum aos interlocutores; o *conhecimento e compreensão da situação*, ou seja, o saber comum, o conteúdo temático partilhado; a *avaliação* (*elemento axiológico*), a saber, a posição dos sujeitos frente à situação vivenciada. “A situação integra-se ao enunciado como um elemento indispensável à sua constituição semântica” (BAKHTIN, 1981b, p. 190). Dito de outra forma, o elemento extraverbal liga-se ao verbal, e o não dito determina o dito. Eis a causa de diferentes situações determinarem sentidos diversos para uma mesma palavra ou expressão.

Ligada a esses aspectos, Bakhtin propõe uma ordem metodológica para o estudo do discurso, levando em conta as mudanças sociais que acarretam modificações nas formas da linguagem, uma vez que “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes” (BAKHTIN, 1986, p. 124).

Tal metodologia segue os seguintes passos:

- a) estudo dos tipos de interação verbal ou dos arquivos de uma dada esfera social e suas situações de produção;
- b) estudo dos enunciados e de seus respectivos gêneros nas interações sociais e ideológicas do cotidiano;
- c) análise, a partir dos dados anteriores, das formas linguísticas como é feita habitualmente.

Em resumo, a ordem metodológica de análise vai da situação social ou de enumeração para o gênero, enunciado ou texto e, só então, para suas formas linguísticas relevantes. Somente nesse último nível de análise é que se dá a interpretação linguística habitual, ou seja, as teorias e análises linguísticas disponíveis.

Nos estudos bakhtinianos, o discurso integra a linguagem em sua totalidade concreta e viva. Os enunciados dele fazem parte, sendo considerados produtos de um processo ativo do qual o sistema linguístico convencional, como ordem sintática e lexical repetível, é um dos elementos.

Por outro lado, uma mesma língua, segundo Bakhtin (1988), é coabitada por “linguagens sociais” dinâmicas que se cruzam, atravessadas pelo social e pela história. São linguagens do “plurilinguismo” em que estão inscritos pontos de vista, inseparáveis das transformações da experiência cotidiana.

De acordo com a ordem metodológica proposta pelo autor, focaremos, primeiramente, a esfera social ou domínio discursivo de interação e as condições

concretas em que tiras foram produzidas e veiculadas, ou seja, o meio sociocultural em que as tiras de humor constituem um gênero discursivo corrente. O segundo passo leva-nos aos gêneros discursivos e às ideologias (horizonte axiológico) ali formalizadas, com a observação dos aspectos do horizonte social que podem ser depreendidos das tiras em quadrinhos. Finalmente, o terceiro passo descreve os elementos linguísticos e as particularidades observadas nos textos, além de, ampliando para uma análise semiótica, também serem observadas as imagens.

Ainda que as divisões entre as etapas de análise não sejam estanques, uma vez que, com frequência, aspectos textuais e contextuais se cruzam na investigação, os três âmbitos devem ser considerados. A seguir, colocando em prática a metodologia descrita e considerando o aporte teórico, analisaremos os textos selecionados, elaborando interpretações possíveis.

Análise dialógica das tiras de humor: dos aspectos contextuais aos textos

O *corpus* selecionado especialmente para este trabalho é formado por tiras de humor (ou tiras em quadrinhos) intituladas Radicci. Esses textos integram o nosso repertório ocidental contemporâneo de textos do cotidiano, visto que estão presentes em mídias de manuseio diário. São, portanto, pertinentes às aplicações da teoria dialógica.

Seguindo a orientação proposta, de que os enunciados devem ser considerados por sua função nas práticas interativas e por seus aspectos contextuais, as tiras em quadrinhos consistem em textos humorísticos publicados em jornais, revistas e, mais recentemente, *sites* eletrônicos. Pelos aspectos de produção, circulação e consumo, as tiras constituem enunciados da esfera midiática, ou seja, uma forma de interação mediada. A finalidade desses textos é produzir o efeito de humor nos leitores através de recursos verbais e visuais, sendo a materialidade textual o meio de contato entre o produtor (ou autor) e os leitores.

Todo gênero discursivo ou textual se vincula a aspectos culturais, sociais e históricos. E eles são apreendidos pelos participantes de um determinado grupo social ou comunidade através de sua participação ativa em diferentes esferas comunicativas. Sabendo que os indivíduos engendram seus enunciados em gêneros de discurso, que são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 1997, p. 277), usos recorrentes da linguagem que coordenam toda a ação humana e são elementos culturais, também as tiras de humor são componentes culturais.

Além disso, esses textos não se restringem a uma situação comunicativa isolada, pois passam a integrar a vida dos leitores em diferentes contextos sociais conforme são reproduzidos. Por exemplo, ao serem usados em salas de aula nas atividades de ensino, ou como

uma piada relatada em uma roda de amigos.

Para Bakhtin, existem certos aspectos que definem os gêneros de discurso, a saber: o modo de organizá-lo (composição), as opções feitas quanto à linguagem (estilo) e a visão axiológica (conteúdo temático). E as variações que ocorrem quanto a tais aspectos dependem das circunstâncias, do *status* social dos participantes da interação e das relações entre eles.

A relativa estabilidade das formas enunciativas é o que viabiliza a comunicação, uma vez que se tornam reconhecíveis e passíveis de compreensão. Em outros termos, para participar ativamente da interação, o indivíduo precisa conhecer o seu papel e saber como realizá-lo.

Nesse sentido, a situação comunicativa referente às tiras se estabelece da seguinte maneira: de um lado um autor que produz as tiras e de outro os leitores ou receptores dos textos. Além disso, por ser uma prática mediada, deve ser levado em consideração o meio de veiculação: no Rio Grande do Sul, as tiras do personagem título Radicci são publicadas e veiculadas em *Zero Hora*, jornal de maior circulação do estado, e em outros jornais regionais de menor circulação. Os textos também se encontram publicados no site mantido pelo autor, podendo ser acessados e lidos em qualquer momento e a partir de qualquer localidade, o que amplia o número de leitores.

Enfim, ela se destina de um produtor para um grande número de leitores não

identificados, e, como dito anteriormente, o contato se dá por meio do texto, o que significa que a linguagem desempenha papel constitutivo.

Quanto aos demais aspectos referentes a esse gênero de texto, ele se diferencia de outros gêneros gráficos, como a caricatura, o cartum, a charge e as HQs (histórias em quadrinhos), como apontam os trabalhos de Santos (2002), Silva (2008) e Ferraz (2009). Os textos são narrativos, dispostos em três ou quatro quadrinhos em sequência, geralmente contendo representações de figuras humanas em diálogos e/ou situações que provoquem o riso.

As tiras podem, então, ser definidas como reduções ocorridas a partir das histórias em quadrinhos. Conforme Mendonça (2002, p. 199) explica:

As tiras são um subtipo de HQ; mais curtas (até 4 quadrinhos) e, portanto, de caráter sintético, podem ser sequenciais (capítulos de narrativas maiores) ou fechadas (um episódio por dia). Quanto às temáticas, algumas tiras também satirizam aspectos econômicos e políticos do país, embora não sejam tão “datadas” como a charge. Dividimos as tiras fechadas em dois subtipos: a) tiras-piadas, em que o humor é obtido por meio das estratégias discursivas utilizadas nas piadas de um modo geral, como a possibilidade de dupla interpretação, sendo selecionada pelo autor a menos provável; b) tiras-episódio, nas quais o humor é baseado especificamente no desenvolvimento da temática numa determinada situação, de modo a realçar as características das personagens.

Ao que complementamos que essa é uma narrativa icônica, com progressão temporal e organizada quadro a quadro

no espaço de uma tira horizontal de texto (verbal e visual).

Além dos aspectos formais ou composticionais que caracterizam esses textos, há a função a que se destinam, já referida: o humor. Por essa razão, os textos são publicados, predominantemente, nas seções de variedades, televisão e lazer dos jornais, onde são veiculados como diversão, passatempo ou inclusive hábito de leitura.

Sobre o gênero tiras de humor, citamos Silva (2008, p. 162-163):

as tiras em quadrinhos são organizadas pelo discurso direto em que os personagens assumem a palavra sob o apoio das imagens que procuram traduzir o cenário e as circunstâncias enunciativas. Nesse sentido, os enunciados reservam em sua configuração aspectos formais que os distinguem dos textos puramente verbais. Sua estrutura é compacta e condensada, as expressões dos personagens são focalizadas para que o leitor se detenha em pontos específicos para os quais o autor sugere um olhar crítico. Além destas diferenças, do ponto de vista estrutural e funcional, a escolha temática sobre os assuntos abordados, em consonância com peculiaridades sócio-culturais dos interlocutores, vão determinar o efeito risível.

Constituindo uma prática discursiva, as tiras possuem uma orientação social, um horizonte social e cultural que norteia as escolhas do autor, o qual visa direcionar o enunciado a outros sujeitos e colocar em evidência certos temas e valores. Como toda criação humana e sínica, a tira possui um caráter ideológico, visto que elabora e veicula interpretações de mundo. O autor do enunciado avalia seu destinatário potencial e modela a

linguagem (ou as linguagens), fazendo escolhas sobre como se dirigir ao leitor. Verificaremos como isso se manifesta na linguagem nos textos do *corpus*.

Primeiramente, considerando as representações que compõem as tiras de humor, isto é, a sua materialidade, temos os personagens Radicci, Genoveva e Guilhermino. Nessa interação mediada pelo texto, são essas representações que estabelecem o contato com o leitor, sendo o olhar na imagem ou os diálogos no texto verbal os recursos empregados com o fim de interpelar o leitor.

O autor Carlos Henrique Iotti, nascido em Caxias do Sul, criou Radicci e sua família (Genoveva, Guilhermino, Nôno, Tia Carmela, entre outros), que ilustram as tiras presentes nos jornais: *Pioneiro* e *Zero Hora* (RS); *Diário Catarinense*, *O Diário de Criciúma* e *O Diário do Sul* (SC); *O Diário do Sudoeste* (PR). As tiras analisadas neste trabalho foram selecionadas no site do autor, privilegiando-se aquelas em que aparecem os personagens Radicci, Genoveva e Guilhermino.

Em relação a Radicci, o autor explica que criou o personagem em 1983: “um ítalo-brasileiro que conquistou o público com seu temperamento forte, sua paixão pelo ócio e pelo vinho. Com uma roupa-gem regional, é um personagem universal. Um caipira que faz sucesso pelo mundo” (IOTTI).² O imigrante italiano, definido por seu criador como conservador e machista, é casado com Genoveva e pai de Guilhermino. Juntos, eles vivem em uma granja típica da “colônia”, como

é tradicionalmente chamada a área rural ocupada pelos imigrantes vindos para o Sul do país. Nesse contexto, as ações dos personagens são narradas a cada tira, inspiradas em situações corriqueiras e problemas cotidianos (Figura 1).



Figura 1 - Radicci e Genoveva

As opções feitas pelo autor a respeito dos modos de representação, como as situações encenadas, a disposição de personagens e o uso de imagens ou balões, opera a sequencialidade da história, a qual se organiza nos limites de dois a quatro quadros. Por meio da leitura, é apresentada a perspectiva de cada personagem, incluindo as avaliações e ideologias que constroem. Dito de outra forma, as ações narradas e os diálogos representados traduzem formas de pensar desses personagens, como vemos na Figura 2.



Figura 2 - Radicci FM

O que a tira comunica é determinado pelas condições do enunciado, o que significa que, em determinado espaço e determinado tempo e para determinadas

pessoas, certos sentidos serão produzidos. Nem sempre o efeito pretendido pelo autor será alcançado, pois a compreensão é responsiva, podendo suscitar diferentes leituras e interpretações. Um fator apontado nessa questão são as expressões linguageiras empregadas pelos personagens, que marcam algumas formas de falar características dos chamados “colonos” do Sul: “Tu non ia tosquiá as ovelha hoje?!” (Figura 1). Muitos desses dizeres podem não ser reconhecidos e/ou compreendidos por pessoas de outras regiões do país, ou mesmo por gaúchos que já não reconheçam essas formas de falar diferentes do registro oficial. Por outro lado, os temas e conteúdos tratados por esses textos são universais: o casamento, o hábito de beber, a dualidade entre homens e mulheres, a preguiça, o trabalho etc.

Os gêneros humorísticos podem, às vezes, realizar uma crítica social a partir das situações encenadas. Essa crítica, no caso da tira de Radicci, não é feita de maneira direta, fica geralmente implícita ou sugerida pelo não dito. Toma-se como exemplo a tira seguinte (Figura 3), em que Radicci, resistente a sair da cama em um dia chuvoso, sai abaixo de uma chuva forte para carregar um balde ou executar algum trabalho, sob a vigília atenta de Genoveva. Seu questionamento inicial, “O que poderia me tirá da cama com questa chuva?”, ao visualizar a imagem do quadro seguinte, o leitor pode responder “Genoveva”. No balão de pensamento do personagem,

em “Casa! Casa pra tu ver!!!”, o não dito pode ser entendido como “casa pra tu ver como é ruim!” ou, empregando a ironia do personagem, “casa pra tu ver como é bom!”. O sentido está subentendido e a entoação valorativa se faz presente na pontuação: ponto de exclamação duplo para enfatizar o que Radicci pensa do casamento.

Porém, segundo Possenti (1998, p. 49), nem todo gênero humorístico é crítico, pois “o que caracteriza o humor é muito provavelmente o fato de que ele permite dizer alguma coisa mais ou menos proibida. Mas não necessariamente crítica”. Como exemplo, os lugares-comuns ou discursos arcaicos e preconceituosos reproduzidos em algumas piadas que circulam na sociedade.



Figura 3 - Radicci na chuva

Também identificamos presença de intertextualidade, de relações dialógicas entre expressões nas tiras e outros enunciados que circulam e integram o senso comum (Figura 5 e Figura 6). Nesse caso, para que os textos sejam compreendidos, o humor requer saberes compartilhados, ou enunciados compartilhados. Contudo, os sentidos originais dos textos aludidos ou referidos não é mantido, pelo contrário, são deturpados e, assim, provocam o riso. Em “Se beber

non dirija!” (Figura 5), por exemplo, o riso é gerado pelo conselho inusitado do personagem: “Durma no bar!”. O texto verbal dessa tira ilustra bem a afirmação de Possenti (1998, p. 45), para quem um texto ocasiona o riso quando expõe uma interpretação excessivamente óbvia. Fato também observado na próxima tira (Figura 4): “Non posso mais te vê sentado nessa cadeira!!!”, ao que Radicci reage trocando a cadeira.



Figura 4 - Cadeira

O conteúdo temático desses textos condiz com o gosto de Radicci pelo vinho, reforçando a imagem de “colono beberão” pretendida pelo autor e recorrente nas tiras (Figura 7). Notamos que frequentemente Genoveva está por perto para desaprovar ou socorrer o marido quando a bebida está envolvida.



Figura 5 - Radicci no bar



Figura 6 - Dura Lex, Sede Lex

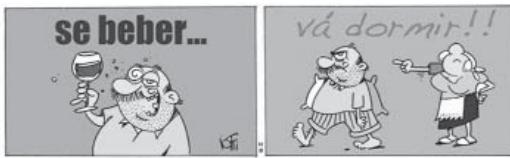


Figura 7 - Se beber...

Como mãe, Genoveva manifesta com o filho Guilhermino o carinho e, até mesmo, a indulgência que ela não demonstra em relação a Radicci (Figura 8 e Figura 9). Com a palavra “Nenem”, usada pela esposa em referência ao filho, Radicci provoca o riso pelo trocadilho: “*Nem estuda! Nem trabalha!*”. Em contrapartida, seu comportamento em relação ao marido não tem a mesma aquiescência (Figura 10).



Figura 8 - Genoveva e o filho



Figura 9 - Canguru



Figura 10 - Balde d'água

Enquanto isso, Radicci tem em relação ao filho atitudes de enfrentamento e imposição de ordens, o que caracteriza uma postura que ele mesmo não assume com relação à Genoveva (Figura 11). A tira representa a visão que Radicci tem da esposa, que, tal qual uma rainha (Cleópatra), governa a casa e é servida pelos criados.

Nos textos (Figura 12 e Figura 13), o efeito de humor é causado pelo jogo polissêmico: o filho entoa a canção “Jupiter Maçã!”, e Radicci rebate “Vacaria Maçã!”, fazendo com que o filho, irritado de acordo com a expressão facial, colha maçãs no pomar. Na tira seguinte (Figura 13) também ocorre um jogo polissêmico quando Radicci faz uma troca de referente. O filho exclama “Bidê ou Balde!”, referindo-se ao nome de uma banda de rock gaúcha, e Radicci responde “Balde！”, dessa vez referindo-se ao balde de alimentar as galinhas, ordenando nova tarefa para Guilhermino.



Figura 11 - Cleópatra



Figura 12 - Radicci e Guilhermino



Figura 13 - Bidê ou Balde

Como afirma Miranda (2011, p. 63), nos textos humorísticos prevalece a linguagem conotativa. Outra recorrência desse gênero de texto é o uso da ironia. A ironia institui um paradoxo que é, em maior ou menor grau, percebido pelo leitor no momento da interpretação. Nas palavras de Reboul (1998, p. 132): “Na ironia, zomba-se dizendo o contrário do que se quer dar entender. Sua matéria é a antífrase, seu objetivo o sarcasmo [...] pode ser amena ou cruel, util ou grosseira, amarga ou engraçada”.

Elementos visuais como a pontuação, os balões, as fontes (cores e tamanhos das letras) e o olhar das representações humanas dão o tom ou as entonações valorativas nos textos. Esses são recursos próprios desses textos, já que as tiras necessitam dos recursos visuais para narrar uma história em poucos quadros.

Nessa forma de interação verbo-visual, muitos sentidos são produzidos por meio do não dito, isto é, dos implícitos, da ambiguidade, da ativação de conhecimento prévio subentendido e da polissemia. Devido ao fato de a comunicação ser mediada, não é possível, nos limites impostos pelo gênero discursivo em foco, uma troca de enunciados entre autor e leitores. Entretanto, podemos dizer que, à medida que requer uma

competência interpretativa dos leitores, fundamental para a interpretação e para a produção do efeito humorístico, há todo um esforço mental nesse sentido, de maneira que a tira de humor, com todos os seus recursos de linguagem, estimula a responsividade.

No que tange à ideologia e ao valor axiológico da linguagem em uso, os textos integram uma esfera social, e, nos limites dos quadrinhos, os personagens interagem com os outros por meio da linguagem. Radicci e Genoveva representam figuras humanas que, portanto, expressam sentimentos, emoções, pensamentos e pontos de vista sobre assuntos e situações particulares, uma vez que vivenciadas no seio familiar representado. Porém, são, ao mesmo tempo, universais, porque podem ser concernentes a qualquer unidade familiar fora dos quadrinhos.

Os balões de fala e pensamento expressam um posicionamento social avaliativo dos personagens acerca uns dos outros, e as histórias se constroem quadro a quadro, através das ações que edificam sentidos e questionamentos presentes no horizonte social.

Dessa forma, os diálogos representados entre Radicci e Genoveva, incluindo as interações desses personagens com o filho Guilhermino, apresentam uma estrutura dialógica de relação entre o eu e o tu/outro, a começar pela alternância de sujeitos. Desse modo, temos, no interior dos quadros, a reprodução de situações enunciativas, bem como as marcas dessa

interação. Assim como para Bakhtin, é a partir da convivência com os outros que o ser se constitui humano, é nas interações representadas no interior dos quadros e nas relações dialógicas que estabelece com os leitores, a partir do reconhecimento de modos de agir e pensar semelhantes ou discrepantes, que os personagens adquirem certo caráter de humanidade, passando a ser não só material icônico, mas figuras reconhecíveis que veiculam modos de ser e de pensar.

Enfim, o princípio dialógico funda a alteridade e estabelece a intersubjetividade como antecedente à subjetividade, visto que “o pensamento, enquanto pensamento, nasce no pensamento do outro” (BAKHTIN, 1997, p. 329). Reconhecer a dialogia é encarar a diferença, e as tiras de Radicci nos demonstram que o pensamento dos outros sempre difere dos nossos, sendo, muitas vezes, antagônico.

As vozes de Radicci e Genoveva dialogam e polemizam com os discursos de um e do outro, bem como com outros discursos circulantes na sociedade. A relação dialógica é sempre polêmica, não há passividade. É assim que o personagem de Radicci, mesmo não enfrentando verbalmente alguns dos ataques verbais de Genoveva, não demonstra uma postura passiva, pelo contrário, suas atitudes representadas e os balões de pensamento atestam a sua contrariedade ao que é dito pela esposa, mesmo quando não dito. Como a teoria dialógica propõe, toda compreensão é um processo ativo e dialógico, portanto, tenso e que motiva uma resposta.

Conclusões

A palavra-chave nos estudos bakhtianos é diálogo, uma vez que a língua não é um sistema abstrato de regras. Dessa forma, o fundamento da linguagem é o dialogismo, e viver significa participar de um diálogo (BAKHTIN, 1997). É importante lembrar que, nessa perspectiva, o diálogo não se resume à modalidade de interação face a face, é um princípio geral de comunhão solidária e coletiva que subjaz todas as práticas sociais, conectando discursos e sujeitos. Também precisamos destacar que o grande mérito de Bakhtin, ao introduzir o sujeito e o contexto social via dialogismo interativo, foi trazer a história para os estudos do discurso.

As tiras constituem enunciados porque se dirigem de um produtor (o autor) para outro (o leitor) em um contexto de comunicação organizado e concreto, ainda que esse “outro” seja um sujeito potencial. Isso significa que o produtor, ao elaborar sua criação, tem em vista o horizonte social, a dimensão espaço-temporal e os sujeitos e orientações culturais e ideológicas que dela fazem parte.

Compreender as relações dialógicas é determinante para o sujeito autor, porque, ao fazer suas escolhas e manusear as linguagens (palavras e imagens), ele precisa ter em vista as interpretações desejadas e possíveis, uma vez que o sentido da língua é estabelecido pela interação entre o “eu” e o “outro” em um contexto específico. Isso é feito ao

considerar o horizonte social, situando o enunciado não só na dimensão física (espaço-temporal) da interação, mas principalmente sociocultural e ideológica: que discursos entremeiam o gênero discursivo e como eles podem afetar a compreensão e os sentidos produzidos. A natureza social da enunciação deve-se justamente a este fator: porque requer a participação ativa do “eu” e do “outro” no ato enunciativo.

Assim como na perspectiva bakhtiniana o homem não é um ser individual, mas uma relação dialógica entre “eu” e “tu”, também o personagem título da tira, *Radicci*, não é um ser que se define sozinho, pelo contrário, sua identidade se edifica nas relações que estabelece com a esposa, o filho e os amigos, ou seja, através de uma intersubjetividade própria das práticas enunciativas. Em outras palavras, o personagem é tecido discursivamente, enquanto dialoga com outros personagens em um meio social e, sobretudo, familiar.

Foi visto que a enunciação é um elo em um *continuum* de enunciados, um ponto de encontro de opiniões e visões de mundo. Exatamente por ser esse ponto de encontro de opiniões e visões, que muitas vezes divergem entre si, se ocasionam as tensões, os embates discursivos ou os sentidos polêmicos. Verificamos essa ocorrência nos diálogos representados entre os personagens.

A análise corrobora a noção de que o gênero, como categoria identitária básica, só adquire sentido nas relações sociais, à medida que se posiciona em

relação ao outro (SCOTT, 1995; BOURDIEU, 2005). As diferenças que se desenham entre gêneros são criações de linguagem, elaboradas por sujeitos em um contexto sociocultural e, portanto, atravessadas por relações de poder. Tais relações podem ser observadas nas disputas entre os personagens Radicci e Genoveva. Os personagens empreendem embates discursivos tendo em vista disputas: por espaço, por estabelecer quem está certo ou errado, por instituir quem manda ou ordena e quem obedece, entre outras situações. Assim, o enunciado é uma expressão semântica orientada para os outros seres sociais.

As tiras em quadrinhos materializam representações verbais e visuais que, se por um lado provocam o riso, por outro dão lugar à reflexão social, o que parece ser característica do humor. A representação da realidade pelos sujeitos, entretanto, não ocorre de forma transparente, mas ideologicamente orientada e culturalmente determinada.

Enunciation, intersubjectivity and gender: dialogical analysis of comic strips

Abstract

The dialogical theory of enunciation, by focusing on the relations between subject, language, history and society, establishing a process of intersubjectivity in which the subject is constituted through the other. Thinking about it, this work aims to conduct a dialogical analysis of comic strips connecting the concepts of enunciation, gender and intersubjec-

tivity. From the analysis of Radicci's comic strips, we verified the relational existence of the title character, which is constructed by intersubjectivity, as he dialogues with other characters and discourses.

Keywords: Enunciation. Intersubjectivity. Gender. Bakhtin.

Notas

¹ A fim de esclarecimento, utilizaremos *gênero social* ou simplesmente *gênero* quando nos referirmos às diferenças socialmente construídas. Já, para nos referirmos às “esferas de utilização da língua”, empregaremos *gêneros discursivos* ou *gêneros textuais*.

² Citação do autor em seu site. Disponível em: <<http://www.radicci.com.br/site/radicci>>.

Referências

- BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. *Problemas da poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981a.
- _____. Le discours dans la vie et dans la poésie. In: TODOROV, T. *Mikhail Bakhtine: le principe dialogique*. Paris: Éditions du Seuil, 1981b.
- _____. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- DAHLET, P. Dialogização enunciativa e paisagens do sujeito. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: dialogismo, polifonia e construção do sentido*. São Paulo: Ed. da Unicamp, 1997.
- FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo: as idéias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- FERRAZ, M. M. S. *Curvas Perigosas: a representação da subjetividade nos cartuns de Maitena*. 2009. 159 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.
- JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e Representações Sociais. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). *Textos em representações sociais*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MENDONÇA, M. R de S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DINISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MIRANDA, H. S. da C. As relações dialógicas e polifônicas de Mikhail Bakhtin nas charges jornalísticas de Angeli. *Didálogos Educ.*, Campo Grande, MS, v. 2, n. 2, p. 62-73, nov. 2011.
- POSSENTI, S. *Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas*. Campinas: Mercado das Letras, 1998.
- REBOUL, O. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- SANTOS, R. E. *Para reler os quadrinhos Disney: linguagem, evolução e análise de HQs*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 2, n. 20, jul./dez. 1995.
- SILVA, J. R. C. O gênero tira de humor e os recursos enunciativos que geram o efeito risível. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 7, p. 158-167, 2008.
- SOBRAL, A. Ético e estético: Na vida, na arte e na pesquisa em Ciências Humanas. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 103-121.
- STELLA, P. R. Palavra. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 177-190.
- TIRINHAS. Disponível em: <<http://www.radicci.com.br/site/radicci>>. Acesso em: 10 mar. 2012.
- WEEDWOOD, B. *História concisa da Linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.